

6.14 - PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO

O presente *Estudo Diagnóstico Não Interventivo do Patrimônio Cultural Arqueológico e Histórico da área de Influência* da gleba proposta para o Empreendimento LOTEAMENTO RESIDENCIAL KALORÉ, foi elaborado no sentido de atender à legislação vigente no que trata dos estudos arqueológicos necessários ao licenciamento ambiental de empreendimentos modificadores do meio físico para obtenção de licença prévia (LP), a saber:

- a Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, que além de elencar os direitos culturais e o acesso às fontes da cultura nacional, colocando-os como direitos fundamentais a serem garantidos pelo Estado, considera os sítios arqueológicos como patrimônio cultural brasileiro, salvaguardando a sua proteção;
- a Lei Federal nº 3.924, de 26 de julho de 1961, que proíbe a destruição ou mutilação, para qualquer fim, da totalidade ou parte das jazidas arqueológicas, o que é considerado crime contra o patrimônio nacional;
- a Resolução CONAMA nº 001, de 23 de janeiro de 1986, criada para salvaguardar o ambiente de impactos de grandes e médios empreendimentos; a Portaria IPHAN nº 07, de 01 de dezembro de 1988; que normatiza e legaliza as ações de intervenção junto ao patrimônio arqueológico nacional;
- a Portaria IPHAN nº 230, de 17 de dezembro de 2002, que define o escopo das pesquisas a serem realizadas durante as diferentes fases de licenciamento de obra; e a Resolução SMA nº 34, de 27 de agosto de 2003, que dispõe sobre as medidas necessárias à proteção do patrimônio arqueológico e pré-histórico quando do licenciamento ambiental de empreendimentos e atividades potencialmente causadores de significativo impacto ambiental.

Além de promover a contextualização arqueológica e etnohistórica da área de influência do empreendimento, por meio do levantamento de dados secundários, também foi realizado um levantamento de dados arqueológicos na área de influência direta do empreendimento e procedeu-se as primeiras ações de Educação Patrimonial com a comunidade e com os órgãos municipais de preservação da memória local (Casa da Memória Padre Gomes).

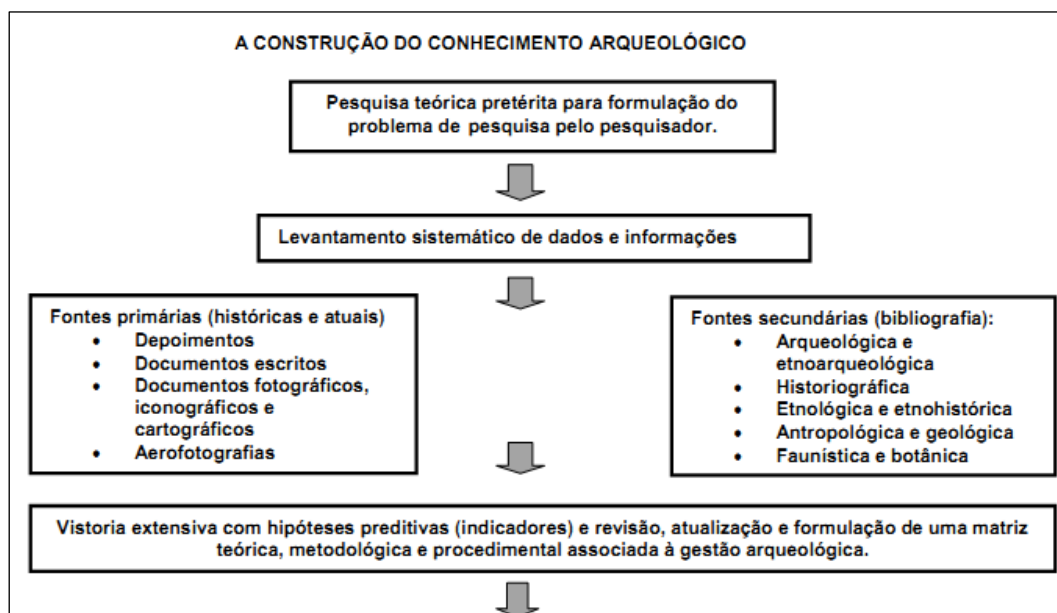
Assim, este estudo arqueológico diagnóstico não interventivo teve como objetivo caracterizar a presença de eventuais ocorrências de testemunhos arqueológicos na área e compreendeu as seguintes atividades:

- Levantamento de dados históricos da propriedade (atividades pretéritas desenvolvidas no local) e da região, bem como de indícios arqueológicos na área de influência do empreendimento proposto, através de bibliografia e estudos documentais;
- Definição da Área de Influência Direta (ADA) do empreendimento proposto;

- Análise de plantas topográficas e cartográficas e imagens aéreas, além de projeto urbanístico do empreendimento proposto;
- Trabalho de campo, englobando as seguintes etapas: (I) a avaliação sistemática da superfície dos compartimentos topográficos remanescentes e porções expostas do terreno destituídos de vegetação ou submetidos à perturbação antrópica (valas, perfurações, cortes, áreas de deposição); e, (II) a inspeção em áreas adjacentes da gleba, tanto nas porções licenciadas, como o seu entorno, entendidas a priori como zonas de maior probabilidade de conter vestígios;
- marcação de zonas inspecionadas em GPS portátil com captação sequenciada de imagens fotográficas em meio digital das posições observadas; e,
- Elaboração deste laudo técnico através da descrição de interferências e evidências arqueológicas identificadas in loco e contextualização da área e seu potencial.

A concepção de cenário foi adotado à semelhança de Robrahn-González & Zanettini, durante os trabalhos do Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural do Projeto Rodoanel Mario Covas (2003), objetivando oferecer uma leitura didática para as sucessivas ocupações no decorrer do tempo, sem no entanto, desejar fortalecer um demasiado momento histórico em detrimento de outros.

Também foi elaborado o Modelo de construção do conhecimento arqueológico, conforme FIGURA 6.14-1, a seguir, com vistas a oferecer uma organicidade para o encaminhamento dos trabalhos.



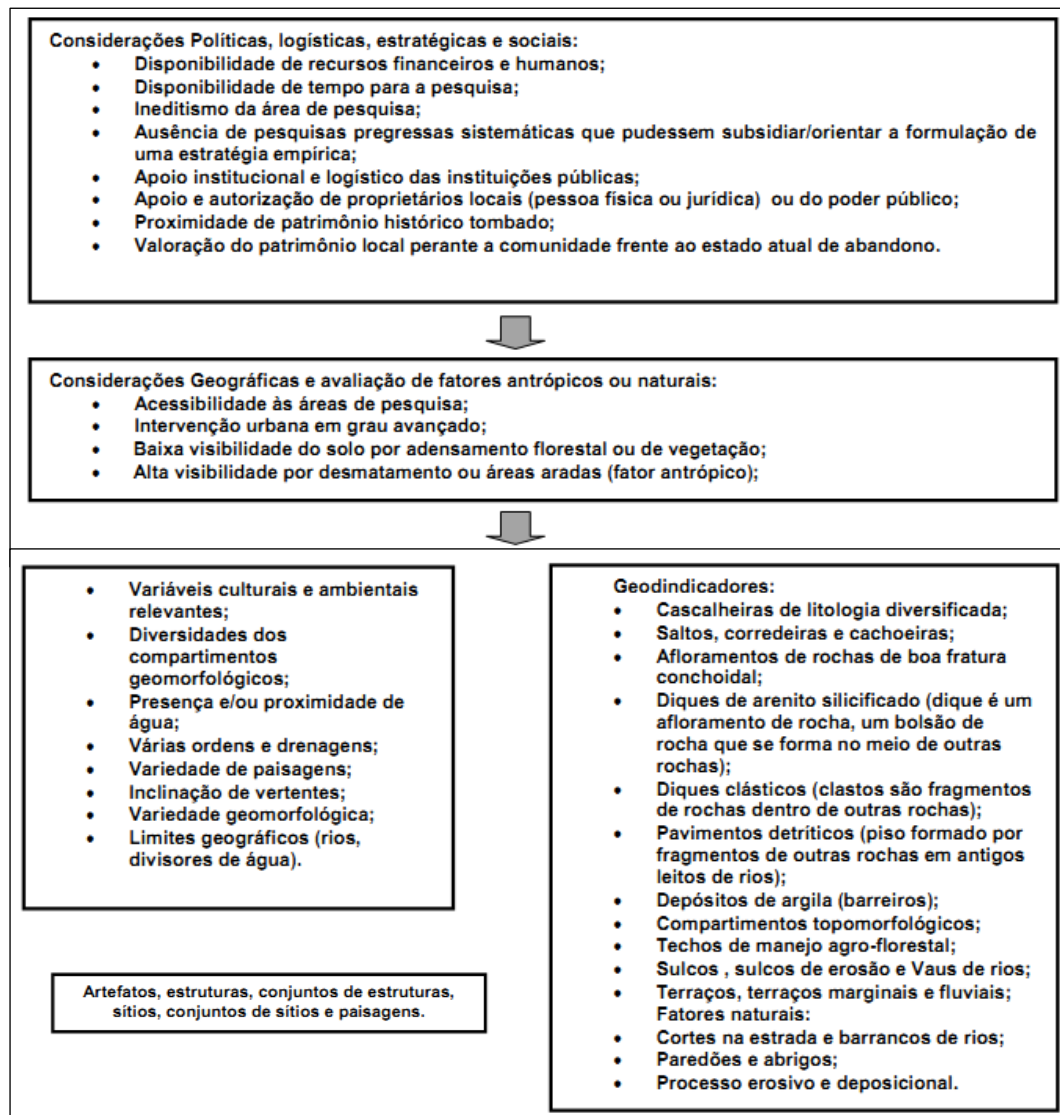


FIGURA 6.14-1: A construção do conhecimento arqueológico. QUADRO elaborado como norteador dos estudos e vistoria de campo.

Fonte: Moraes, 2006; Caldarelli, 1999; Araújo, 2001.

6.14.1- ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA (AII)

Os procedimentos de pesquisa empregados no diagnóstico arqueológico não interventivo se basearam nas orientações e diretrizes do IPHAN, definidas pela Portaria nº. 230/2002, que delibera sobre os procedimentos necessários à compatibilização de licenças ambientais com estudos preventivos de arqueologia (Bastos & Teixeira, 2005).

Considerando que o patrimônio arqueológico se constitui em vestígios materiais remanescentes e representativos dos processos culturais ocorridos em períodos Pré-Históricos e Históricos, devem, portanto ser baseados em critérios referenciados para o meio físico, conforme apontados nas diretivas anunciadas pela Superintendência Regional do IPHAN/SP, através da publicação “Normas e Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico” (Bastos & Teixeira, op. cit.), sendo:

Área Diretamente Afetada (ADA): corresponde à área do terreno absolutamente afetada antrópica e fisicamente pelas obras necessárias à implantação do empreendimento. Corresponde aos locais de intervenção onde se instalarão as obras diretas das atividades do empreendimento, nos quais os efeitos das modificações das condições ambientais do meio físico são evidentes ou tangíveis;

- **Área de Influência Direta (AID):** corresponde à área do entorno do empreendimento que possa conter vestígios arqueológicos associados ao contexto da ADA;
- **Área de Influência Indireta (AII):** corresponde à região geoambiental em que está inserido o empreendimento.

A área do empreendimento insere-se no âmbito da Bacia Hidrográfica dos Rios Piracicaba-Capivari-Jundiá, mais especificamente na Sub-Bacia do Rio Atibaia, que drena a gleba em sua porção sul, uma região com profícua ocorrência de sítios arqueológicos. Para que seja possível efetuar uma análise mais efetiva sobre o Patrimônio Cultural Arqueológico local, faz-se necessário avaliá-la no contexto da ocupação humana por toda a Bacia, conforme figura abaixo:



FIGURA 6.14.1-1: Bacia Hidrográfica dos Rios Piracicaba-Capivari-Jundiá.

Fonte: EMBRAPA, 2013.

No levantamento efetuado no Cadastro de Sítios Arqueológicos do IPHAN, embora tenha **constada a inexistência de sítios arqueológicos identificados para o Município de Jaguariúna**, apresentou, por outro lado, uma grande incidência de ocorrências em inúmeros municípios próximos, realçando a sua viabilidade de existência também no município de Jaguariúna.

O QUADRO 6.14.1-1, mostra o levantamento nos sítios arqueológicos existentes no município de Jaguariúna e bacias dos Rios Piracicaba-Capivari-Jundiá.

QUADRO 6.14.1-1: Sítios arqueológicos registrados nos municípios que compõem a UGRHI 05

MUNICÍPIOS	CNSA / SGPA	FONTE DE REFERÊNCIA
Analândia	Sítio do Elídio Abrigo do Gavião Abrigo da Bocaina Abrigo Lageado Abrigo Roncador Abrigo do Alvo Abrigo da Santa	SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN
Atibaia	Atibaia 1 Atibaia 2 Atibaia 3 Atibaia 4 Atibaia 5	SGPA / CNSA – IPHAN. SGPA / CNSA – IPHAN. SGPA / CNSA – IPHAN. SGPA / CNSA – IPHAN. SGPA / CNSA – IPHAN.
Bragança Paulista	Bragança I Bragança 3	SGPA / CNSA – IPHAN. SGPA / CNSA – IPHAN.
Campinas	Morro Azul Santa Paula Souzas I.	SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN
Charqueada	Covitinga São Lourenço (I e II) SP.CQ.2 Recreio Paraíso E Vila Santa Luzia Água Vermelha Areião. SP.CQ.11 Paraíso N SP.CQ.13 Paraíso W	SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN
Cordeirópolis	SP.CD.1 Cascalho	SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN
Corumbataí	Abrigo Santo Urbano	SGPA / CNSA – IPHAN

MUNICÍPIOS	CNSA / SGPA	FONTE DE REFERÊNCIA
Ipeúna	Quilombo Abrigo da Glória Boer Carvalho SP.IN.4 Laboratório Porteira Alta SP.IN.7 Tira Chapéu Ipeúna	SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN
Ipeúna	João Pinto Monjolo Velho Bairro do Cabeça SP.IN.16 Passa Cinco	SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN
Iracemápolis	Gruta do Pilon	SR-IPHAN/SP
Jundiaí	Mian Museu Russo Santa Marta Sítio 7	SR-IPHAN/SP SR-IPHAN/SP SR-IPHAN/SP SR-IPHAN/SP SR-IPHAN/SP
Limeira	Santo Antônio Limeira 2	SGPA/CNSA – IPHAN SR – IPHAN / SP
Monte Mor	Rage Maluf Santa Sofia Santa Cruz Sítio Santa Cruz	SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN
Piracicaba	Nalim SP.PC.2 Tamandupá Tanquinho SP.PC.5 Zambom Piracicaba Nauti-Clube Rancho Caído Batistada I Batistada II Sítio Batistada	SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SGPA / CNSA – IPHAN SR – IPHAN / SP SR – IPHAN / SP SR – IPHAN / SP

MUNICÍPIOS	CNSA / SGPA	FONTE DE REFERÊNCIA
Rio Claro	Fazenda Santa Rosa	SGPA / CNSA – IPHAN
	Pitanga	SGPA / CNSA – IPHAN
	Fazenda Angélica	SGPA / CNSA – IPHAN
	Fazenda São Rafael	SGPA / CNSA – IPHAN
	Fazenda Floresta	SGPA / CNSA – IPHAN
	Fazenda Sta. Maria	SGPA / CNSA – IPHAN
	Fazenda Água Branca	SGPA / CNSA – IPHAN
	Fazenda São José	SGPA / CNSA – IPHAN
	Fazenda São José do Castelhana	SGPA / CNSA – IPHAN
	Fazenda Lageado	SGPA / CNSA – IPHAN
	Fazenda do Bery	SGPA / CNSA – IPHAN
Rio Claro	Bairro Jacutinga	SGPA / CNSA – IPHAN
	Camaquã	SGPA / CNSA – IPHAN
	Bairro de Cachoeirinha	SGPA / CNSA – IPHAN
	Fazenda Velha	SGPA / CNSA – IPHAN
	Bairro do Bonfim	SGPA / CNSA – IPHAN
	Estação de Ferraz	SGPA / CNSA – IPHAN
	Usina da Central Elétrica	SGPA / CNSA – IPHAN
	Horto Florestal	SGPA / CNSA – IPHAN
	Fazenda Serra d'Água	SGPA / CNSA – IPHAN
	Sto. Antonio	SGPA / CNSA – IPHAN
	Fazenda Itaúna	SGPA / CNSA – IPHAN
	Bairro do Sobrado	SGPA / CNSA – IPHAN
	Bairro do Sitinho	SGPA / CNSA – IPHAN
	Bairro de São Bento	SGPA / CNSA – IPHAN
	Próximo ao matadouro de Rio Claro	SGPA / CNSA – IPHAN
	Pau D'Alho	SGPA / CNSA – IPHAN
	Bairro do Batoví	SGPA / CNSA – IPHAN
	Alice Boer	SGPA / CNSA – IPHAN
	João Boer	SGPA / CNSA – IPHAN
	Witt	SGPA / CNSA – IPHAN
	SP.RC.3	SGPA / CNSA – IPHAN
	Santa Rosa I	SGPA / CNSA – IPHAN
	Santa Rosa II	SGPA / CNSA – IPHAN
	Porteira	SGPA / CNSA – IPHAN
	SP.RC.4/7	SGPA / CNSA – IPHAN
	SP.RC.5	SGPA / CNSA – IPHAN
	SP.RC.6	SGPA / CNSA – IPHAN
	Tirolese	SGPA / CNSA – IPHAN
	Marchiori	SGPA / CNSA – IPHAN
	Ponto da Assistência	SGPA / CNSA – IPHAN
	SP.RC.9	SGPA / CNSA – IPHAN

419

MUNICÍPIOS	CNSA / SGPA	FONTE DE REFERÊNCIA
	Balsa	SR-IPHAN /SP
	Barroão	SR-IPHAN /SP
	Sítio Parada de Cillos	SR-IPHAN /SP
Santa Gertrudes	Santa Cândida	SR-IPHAN /SP
Vargem	Bragança 2	SGPA / CNSA – IPHAN

Fonte: IPHAN, 2012.

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Para os municípios de Campinas e Mogi Mirim, próximos ao empreendimento, existem informações a respeito da existência de cinco sítios arqueológicos oficialmente registrados. Em Campinas, o Sítio Pré-Cerâmico a Céu Aberto Morro Azul, o Sítio Cerâmico Santa Paula e o Sítio Histórico Souza I. Para o Município de Mogi Mirim, destacam-se dois sítios: o Bela Vista I e o Bela Vista II. Segundo Robrahn-González e Blasis (2003), o Sítio Bela Vista II tem uma datação para 9.500 anos A. P. (Antes do Presente), caracterizando-se como o mais antigo do Estado de São Paulo.

Nesse sentido, para que se possa fazer uma análise mais aprofundada da viabilidade de ocorrências de vestígios materiais de interesse arqueológico na área é relevante atentar para o conhecimento do contexto regional evidenciado, em especial para os municípios que compõem o entorno do empreendimento, compondo a Bacia Hidrográfica dos Rios Piracicaba-Capivari-Jundiá - UGRHI 05 (PCJ)

Há cerca de quinze anos, o conhecimento que se dispunha sobre os habitantes do planalto paulista não ultrapassava cinco mil anos. A identificação do sítio São Manuel 5, na porção sul do Estado, ampliou esta datação para 7.500 anos (Robrahn-González, 2003).

Em 2002, foi obtida uma datação de 9.000 anos A. P. obtida para o sítio Água Vermelha, localizado nas adjacências da UHE Água Vermelha, no extremo noroeste paulista, o que ampliou esse horizonte (Robrahn-González; De Blasis, 2004). A localização do Sítio Bela Vista II, na região de Mogi Mirim, como afirmado, com 9.500 anos, marcou o conhecimento sobre uma nova fase de ocupação humana na transição entre os períodos Pleistoceno e Holoceno no Estado de São Paulo.

Este contexto de ocupação humana conhecido para o médio curso do rio Tietê remete à ocupação de grupos humanos desde cerca de 9.500 A.P. O ambiente, a partir deste período do Holoceno, tornou-se propício à ocupação de populações antrópicas na região, possibilitando um padrão de estabelecimento com características sazonais e distribuídos por diversos compartimentos topográficos, desde fundos de vales, até terraços e vertentes.

Durante esta transição que ocorreu por volta de dez mil anos atrás, começaram a surgir ocupações no Sul do Brasil, conforme evidências nos sítios arqueológicos, com uma indústria lítica em pedra lascada bastante característica, denomina tradição Umbu.

As datas mais antigas estão no extremo sul do planalto, em contato com a planície dos Pampas. Eram grupos que apresentavam baixa densidade demográfica e se organizavam em um sistema econômico caracterizado por alta mobilidade e estratégias oportunísticas de obtenção de recursos como a pesca, a caça e a coleta. Segundo Caldarelli (1983), os sítios arqueológicos relacionados aos grupos de caçadores-coletores apresentam um padrão de assentamento disperso em decorrência da distribuição homogênea de recursos naturais pelo ambiente. Assim, são encontrados em situações topográficas diversas, como fundos de vales, terraços e vertentes. É provável que essas diferenças topográficas de localização devam-se também, a fatores sazonais, originando ocupações em porções mais elevadas do relevo em períodos com alta densidade pluviométrica, evitando assim as áreas alagadas.

Entre as matérias primas empregadas na fabricação de seus utensílios e passíveis de serem recuperadas arqueologicamente estão os artefatos de pedra lascada, como raspadores, facas, furadores, lesmas e pontas de projétil.

Estes grupos são considerados herdeiros dos primeiros habitantes do Brasil que, há pelo menos vinte e cinco mil anos, deixaram seus vestígios em alguns poucos sítios arqueológicos, como o Arroio dos Fósseis, no Rio Grande do Sul. As alterações climáticas ocorridas na transição para o Holoceno fizeram com que reduzidos bandos de caçadores-coletores comesçassem a se espalhar e se multiplicar, resultando em uma densa população por volta de quatro mil anos atrás, quando o clima se estabilizou e se aproximou do atual, ocupando territórios que vão do Uruguai até a região centro-sul de São Paulo.

Os sítios ocorrem tanto a céu aberto como em abrigos rochosos. Para o primeiro caso, eles costumam estar localizados em terraços ou porções planas de fundo de vale, próximos a rios e pequenos riachos.

Os vestígios se distribuem em área de vinte a cem metros de diâmetro. Os sítios identificados, muitas vezes, podem apresentar pouca densidade de material ou, pelo contrário, possuir milhares de fragmentos esparsos pelo solo. É possível encontrar estruturas de combustão, como fogueiras, podendo incluir refugos variados como alimentos carbonizados, além de abrigos sob rocha que se localizam em porções de relevo mais íngremes, apresentando ocupações permanentes e outras efêmeras.

Em áreas de afloramento de rochas, podem ocorrer sítios conhecidos por oficinas líticas e que correspondem às fontes de matérias primas para o lascamento, como o encontrado em São Paulo: o Sítio Morumbi. Os vestígios de materiais encontrados em oficinas é distinto dos sítios de habitação, uma vez que predominam grandes peças relacionadas à escolha e ao preparo inicial das rochas, enquanto no outro são encontrados vestígios em fase final do lascamento e artefatos finalizados ou quebrados.

Em períodos mais tardios, a partir de 2.500 anos, a região passou a ser ocupada por outros grupos humanos com práticas de horticultura. Estes se organizavam em grupos maiores e apresentavam menor mobilidade. Além dos artefatos de pedra lascada, estes grupos deixaram vestígios não só de pedra polida, como, e principalmente, de cerâmica, produzida para armazenagem, preparo e consumo de alimentos, sendo utilizada até mesmo como vasilhas funerárias.

Quando da chegada dos europeus, a região ainda era densamente ocupada por grupos de língua tupi há muito tempo, segundo os indícios arqueológicos encontrados em diversos municípios da região. Estes grupos, horticultores, relacionados à Tradição Tupiguarani, ocuparam a região em período bem mais recente, datando da era cristã. Eles eram demograficamente mais numerosos que os grupos anteriores, possuíam assentamentos maiores e mais estáveis. Os vestígios de sua cultura material caracterizam-se pela presença de vasilhas cerâmicas destinadas ao armazenamento, preparo e distribuição de alimentos, produzidas pela técnica do acordelamento. Os vasilhames possuem decoração variada, desde aquelas com ausência, passando por aquelas feitas sob técnicas diversas: corrugadas, unguladas, escovadas, engobadas ou pintadas, com traços curvilíneos e retilíneos pretos e/ou vermelhos sobre fundo branco, formando motivos geométricos.

As formas destas peças podem ser definidas como tigelas com calota de esfera e vasilhas semiesféricas, esféricas e piriformes, de tamanhos variados. A sua indústria lítica é caracterizada por artefatos lascados e polidos, como lâminas de machado e mãos de pilão.

Entre os grupos produtores de cerâmica também figuram sítios arqueológicos associados à Tradição Itararé, cujos grupos produziam uma cerâmica associada a uma agricultura incipiente, com um maior sedentarismo em relação aos caçadores-coletores. Os vestígios materiais destes grupos apresentam vasilhas cerâmicas simples, em geral com dimensões pequenas, além de artefatos líticos lascados. Inúmeras fontes apresentam informações a respeito da presença de sítios arqueológicos nos territórios dos municípios próximos ao empreendimento, como nos municípios de Capivari, Monte Mor (Myazaki & Aytai, 1974), Limeira (Caldarelli, 2001-2002) e Santa Bárbara D'Oeste (Morais, 1982; Caldarelli, op. cit.), Campinas (Caldarelli, op. cit.), entre outros. As datações obtidas para estes achados vão desde 800 anos a 5.000 anos atrás.

Não obstante, outros municípios como Rio Claro, especificamente, a sub-bacia do rio Corumbataí (afluente da margem direita do rio Piracicaba), é tradicionalmente conhecida por sua importância do ponto de vista arqueológico, tanto pela alta densidade de sítios (Miller Jr., 1969, 1972; Araújo, 2001), quanto pelo fato de ter produzido, embora ainda contestadas, as datações mais recuadas do Estado de São Paulo, em torno de 12.000 anos atrás (Beltrão, 1983).

Reitera-se que o sítio arqueológico mais antigo reconhecido para o Estado de São Paulo e com datação não contestada está situado no município de Mogi Mirim, bem próximo ao local do empreendimento, registrado por Robrahn-González & Zanettini (2003), na área do Anel Viário Prefeito Jamil Bacar, que contorna a cidade. Segundo os resultados da datação radiocarbônica do material, a ocupação do sítio ocorreu entre 9.010 e 9.540 A.P.

O município de Mogi Mirim está localizado na bacia do rio Mogi Guaçu, próximo ao seu interflúvio com a bacia do Rio Tietê. A identificação do sítio se deu através da localização de vestígios líticos lascados encontrados espalhados na faixa de domínio da rodovia, nas proximidades da SP-340, em levantamentos de campo realizados no ano de 2002.

No município de Cordeirópolis também foram encontrados dois sítios arqueológicos (Miller JR., 1969a) líticos a céu aberto, o Sítio SP.CD.1 e o Sítio Cascalho (SP.CD.2), o primeiro apresentando material lascado e o segundo, além do material lascado, também material polido, reiterando a antiguidade local.

Em Santa Bárbara d'Oeste também foi localizado um sítio arqueológico de caçadores-coletores: o Sítio Cayubi (Morais, 1982). Este sítio, na margem do rio Piracicaba, possuía uma cultura material composta predominantemente por objetos líticos lascados, além de diversos subprodutos de atividades de lascamento, como lascas, núcleos e detritos, ocorrendo muitos artefatos esboçados ou acabados, principalmente, raspadores e pontas de flecha.

Em Piracicaba, no bairro Santa Olímpia, também foram encontradas peças líticas lascadas, notadamente pontas de projétil que, embora não tenham datações divulgadas, remetem ao período mais antigo de ocupação. Em pesquisas arqueológicas associadas ao estudo ambiental do trecho de prolongamento da Rodovia dos Bandeirantes, também foram detectados sítios arqueológicos correspondentes a antigos assentamentos de grupos caçadores-coletores pré-históricos, nos municípios de Santa Bárbara d'Oeste (Sítios Matão, Toledos e da Lagoa), Limeira (Sítio Santo Antônio) e Campinas (Sítio Morro Azul). Neste estudo, o Sítio Toledos apresentou datação de 2.900 e 2.700 anos A.P. (Caldarelli, 2001/2002).

Em Limeira, junto ao rio Piracicaba, na área de implantação da UHE Carioba, em 2001, também foram encontradas quatro ocorrências arqueológicas (peças isoladas) representadas por materiais líticos lascados. Posteriormente, durante a avaliação arqueológica realizada na área destinada à implantação de Loteamento Industrial no Distrito Industrial Anhanguera (Zanettini, 2004), localizado entre o km 148 e o km 149 da rodovia homônima, foi evidenciado outro sítio arqueológico associado a caçadores-coletores, com material lítico lascado em superfície.

Em Nova Odessa, no ano de 2002, durante o levantamento arqueológico do traçado do sistema de distribuição de gás natural para a região de Americana, Santa Bárbara d'Oeste e Nova Odessa também foram encontrados vestígios líticos.

Em Piracicaba, na faixa de duplicação da Rodovia do Açúcar (SP-308), também em 2002, foi encontrado um sítio arqueológico associado a caçadores-coletores, com material de sílex lascado. Junto a ele, indicando certa recorrência de local de ocupação, foi também registrada a ocorrência de vestígios de ocupação histórica do final do século XIX (faiança fina inglesa, cerâmica e vidro).

Em Rio Claro, associados aos grupos produtores de cerâmica, figuram sítios arqueológicos classificados como pertencentes à Tradição Itararé, registrados por Miller (1972). Estes grupos desenvolviam uma agricultura incipiente, caracterizando-se por um maior sedentarismo. Dos vestígios materiais remanescentes em seus antigos assentamentos encontram-se indícios de vasilhas cerâmicas simples, majoritariamente, apresentando dimensões pequenas e artefatos líticos lascados. Tal fato indica tratar-se, talvez, da região limítrofe de avanço setentrional dessa população, pois esses sítios são tradicionalmente encontrados no sul do país.

Ocupações pré-coloniais posteriores também foram registradas por toda a região. Em Rio Claro, foram registradas ocorrências culturais referentes a ocupações de horticultores ceramistas, embora a maioria dos sítios arqueológicos encontrados representem acampamentos de caçadores-coletores. Naquele município, os principais trabalhos referentes aos grupos ceramistas Tupiguarani são relatados por Altenfelder Silva (1967, 1968). O autor ainda faz referência a ocorrências em Piracicaba, Itirapina e São Carlos.

As fontes históricas informam que populações de língua tupi ainda habitavam a região quando da chegada dos europeus, entretanto, de acordo com os indícios arqueológicos localizados em diversos municípios, é provável que tais ocupações tenham se iniciado muito tempo antes. Estas evidências remetem à presença de grupos vinculados às famílias linguísticas do Tronco Tupi. Neste sentido, acervos de vários museus da região apresentam preponderantemente objetos vinculados a esses grupos.

No município de Vinhedo, por exemplo, situado sobre terrenos da sub-bacia do rio Capivari, são conhecidos três sítios arqueológicos Tupiguarani, formados a partir da ocupação por horticultores pré-coloniais (Abreu, 1989), onde, além de artefatos cerâmicos (vasilhas com decoração incisa geométrica e corrugada) e líticos (mãos de pilão, lâminas de machado polidas, alisadores de cerâmica e raspadores), também foram localizados restos esqueléticos em urnas funerárias.

Cultura material tipicamente Tupiguarani também foi encontrada em sítios arqueológicos localizados no município de Monte Mor (Myazaki & Aytai, 1974), tendo sido um deles datado em 800 anos. Nesses sítios, as vasilhas cerâmicas apresentavam decoração ungulada e com pinturas geométricas. Também foram coletados materiais líticos polidos (mãos de pilão e alisadores) e líticos lascados (pontas de flecha).

O acervo arqueológico desses e de outros sítios da região deu origem ao Museu Municipal Elisabeth Aytai, em Monte Mor, onde constam materiais de pelo menos mais oito sítios pré-históricos nas áreas de entorno, sendo: dois sítios cerâmicos (Tupiguarani) e seis sítios líticos (de caçadores-coletores).

A descoberta de uma urna funerária de grandes dimensões em Piracicaba, encontrada nas proximidades da Ilha das Flechas, no rio homônimo, bairro do Nauti Clube, apresenta elementos considerados diagnósticos da tradição ceramista Tupiguarani, tais como pintura em padrão geométrico, nas cores preto e vermelho sobre fundo com engobo branco, além de decoração plástica corrugada.

Outras informações disponíveis referem-se a uma vasilha cerâmica, relatada como urna funerária infantil, encontrada na região de Artemis, na propriedade rural de Arquimedes Dutra, e ainda, lâminas de machado e mão de pilão de pedra polida, encontrados por toda a região.

No município de Capivari, também foram encontradas duas urnas funerárias Tupiguarani, em locais diversos. Essas peças apresentavam decoração geométrica pintada e foram encontradas tampadas por vasilhas menores.

MUSEUS

Em Jaguariúna, a Casa de Memória Padre Gomes conta, em seu acervo, com inúmeros artefatos líticos de contexto desconhecido, doados por moradores que os encontraram na região e com localização correta desconhecida. Dentre os artefatos, destacam-se uma ponta de flecha, percutores, lascas, estilhas e núcleos, evidências que reforçam a viabilidade de ocorrências de sítios no município de Jaguariúna.

De acordo com a publicação Jaguariúna no *Curso da História* (Ribeiro, 2008), a ponta de flecha foi encontrada na área da Fazenda Florianópolis, Jaguariúna (Acervo de Carlos Penna, doado à Casa da Memória Padre Gomes), como mostram as FIGURAS 6.14.1-2 e 6.14.1-3, a seguir:



FIGURA 6.14.1-2: Conjunto de artefatos depositados na reserva técnica da Casa da Memória Padre Gomes em Jaguariúna e Ponta de Flecha do acervo de contexto desconhecido, localizada na Fazenda Florianópolis, Jaguariúna.

Fonte: PABRASIL, 2013.



FIGURA 6.14.1-3: Conjunto de artefatos depositados na reserva técnica da Casa da Memória Padre Gomes em Jaguariúna. Todos com contexto desconhecido.

Fonte: PABRASIL, 2013.

Em Atibaia, o acervo do Museu José Batista Conti conta com nove artefatos líticos polidos, sendo cinco lâminas de machado e quatro mãos de pilão. Esses artefatos, doados quando da fundação do museu em 1954, pelo seu patrono, à exceção de uma mão de pilão, encontrada no rio Paranapanema e de uma lâmina de machado evidenciada no bairro de Caioçara, levam como única referência a de terem sido localizados junto às barrancas do Rio Atibaia, embora não se saiba se foram achados juntos ou separados.

O Museu Municipal de Paulínia também apresenta, em seu acervo, polidores e lâminas polidas de machado, sem procedência indicada. No entanto, informações orais indicam que muitos materiais arqueológicos foram encontrados no centro da cidade de Paulínia junto à ponte sobre o Rio Atibaia.

Nos últimos anos, pesquisas arqueológicas desenvolvidas na área norte do município de Campinas, na Fazenda Santa Paula (Juliani, 2004), permitiram a identificação de um sítio arqueológico cerâmico, a céu aberto. A ocorrência foi denominada Sítio Arqueológico Santa Paula que está disposto na baixa vertente do rio Atibaia (em cota imediatamente superior à da várzea). Os estudos realizados indicaram a existência de uma concentração de cerâmica em mancha de solo escuro (terra preta), aflorando em área de 50 x 20 m (1.000 m²). Embora tenham sido coletados dois fragmentos com elementos diagnósticos (uma base plana de vasilha e uma carena de corpo de vasilha), a ausência de decoração das vasilhas cerâmicas identificadas pode demonstrar a ocorrência de uma ocupação de horticultores de tradição ceramista não Tupiguarani, ocorrência não comum e, portanto, significativa para o conhecimento arqueológico regional.

Durante o período colonial, toda a região de São Paulo era ocupada por grupos indígenas das famílias linguísticas Jê e Tupi-Guarani (Nimuendaju, 1987), distribuídos em quatro grandes regiões: a primeira, no território da Capitania de São Vicente, ocupada no século XVI pelos Tupi, estendendo-se da faixa litorânea do Rio de Janeiro até a baixada Santista e parte do interior paulista; um segundo grupo, no Vale do Paraíba e Serra da Mantiqueira, em especial para o tronco linguístico Jê, além dos Puri, conhecidos como Guayaná e Maromi.

Os Guayaná seriam os ancestrais dos Kaingáng e teriam oferecido grande resistência ao avanço da lavoura cafeeira no oeste paulista durante o século XIX. A terceira região, a oeste da capitania, revelou a presença de grupos não tupi de menor destaque. Para o sul e sudoeste, os Guarani seriam os grupos dominantes (Monteiro, 1984).

Para os grupos Tupi-Guarani foram registradas diferentes formas de organização social e territorial. Os Guayaná ficaram conhecidos como grupos nômades e habitavam áreas não ocupadas pelos Tupi, como as serras, vivendo da caça e da coleta de alimentos. Os Tupiniquim, sedentários, detinham conhecimentos de práticas agrícolas e ocuparam as áreas planas da bacia do rio Tietê (Monteiro, op. cit.).

A chegada dos portugueses e sua penetração rumo ao interior do continente promoveu intensas modificações no cotidiano destes grupos, tanto pelo extermínio de muitos, quanto pelo deslocamento forçado de outros, frente ao avanço dos portugueses, com o objetivo de atender aos interesses da economia mercantil colonial, atrelada ao mercado europeu e oriental.

Este expansionismo, iniciado em meados do século XVI, efetivou-se durante o séculos XVII e XVIII, originando inúmeros caminhos, como o que seguia pelo Vale do Paraíba, servindo de rota para as expedições para Minas Gerais e para o norte e nordeste brasileiro. Um segundo caminho, passando por Campinas e Moji Mirim, se dirigia a Minas Gerais e Goiás. Também existia uma via que buscava alcançar a região sul da colônia, atravessando Sorocaba e Itapetininga. Todos eram caminhos que partiam da vila de São Paulo, intermediária na comunicação entre o litoral e o planalto (Monteiro, 1984).

O bairro do Tanquinho surgiu a partir de um destes caminhos: aquele que seguia para Minas e Goiás. As primeiras referências ao bairro remontam ao século XVIII, como local de um pouso de tropas conhecido como Pouso do Jaguari ou do Tanquinho. O viajante que, vindo de São Paulo, rumo ao sertão, percorresse a região dos rios Atibaia e Jaguari, logo se depararia com um local aprazível à beira do caminho, após a travessia do rio Atibaia. No local, existia um pequeno tanque para o descanso das tropas.

Com o passar do tempo, o local recebeu o afluxo de pequenos posseiros, originando um povoado que seria o nascedouro de Jaguariúna. (Ribeiro, 2008, p. 38). Em 1736, foi criada a Vila de Mojiguassu, com jurisdição sobre a região. O povoado contava com um número significativo de habitantes, muitos estabelecidos ao longo do caminho. Uma capela e cemitério foram construídos para atender às necessidades de religiosidade e sociabilidade da comunidade e a localidade recebia famílias vindas de várias localidades da Capitania, bem como das regiões mineradoras, tendo em vista o declínio da produção aurífera. Muitos homens livres, libertos e escravos passaram a ocupar as inúmeras terras devolutas, derrubando e queimando as matas e iniciando o plantio das primeiras roças (RIBEIRO, 2008, p. 39). Além da criação, entre os anos 1765 e 1771, de sete novas vilas, outras seis são erguidas até o final do século. As áreas de Jundiá, Piracicaba, Campinas e Mogi-Mirim passaram a constituir o chamado quadrilátero do açúcar, com o surgimento de dezenas de engenhos e o florescimento da produção.

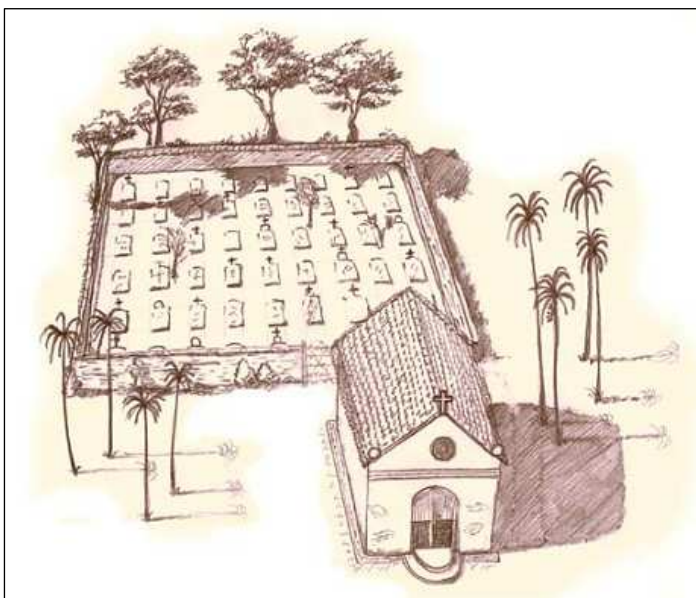


FIGURA 6.14.1-4: Desenho da Capela e cemitério do Bairro do Tanquinho Velho.

Fonte: Reprodução do desenho original do Sr. Beraldo de Souza. (Ribeiro, 2008, p.39).

A ligação entre São Paulo e Santos, através da Estrada do Vergueiro, passou a adquirir grande relevância para a Capitania e as tropas de mulas passaram a circular entre litoral e interior com grande intensidade. Inúmeros antigos mineradores passaram a migrar para a região, estabelecendo-se e trazendo técnicas construtivas que podem ser evidenciadas ainda hoje nas grandes sedes rurais erigidas na região (Lemos, 1999).

A produção do açúcar com mão de obra escrava expandiu-se até as primeiras décadas do século XIX, quando deu lugar ao cultivo de café, aproveitando-se de novas demandas advindas do mercado europeu e americano. A produção de café, com seus terreiros e instalações, apagou em grande parte os sinais materiais da antiga produção de açúcar, como as casas de purgar e as caldeiras.

Os produtores de Campinas tiveram papel decisivo na expansão da cafeicultura na direção oeste paulista: de uma produção de 800 arrobas entre 1842-1843, passou em 1860, para 700 mil arrobas. A região de Jaguari acompanhou esta expansão (Ribeiro, 2008, P. 49).

Por volta de 1870, houve um intenso movimento de fazendeiros da região, visando à construção de um ramal da estrada de ferro que pudesse auxiliar no escoamento da produção dos cafezais, atendido, em 1875, com a inauguração do primeiro trecho da Estrada de Ferro Mogyana até a Estação de Jaguari, o que logo promoveu uma concentração de habitações no entorno da estação, carente ainda de serviços religiosos e atendida pela distante Capela do povoado de Tanquinho, submetida à diocese de Campinas (Ribeiro, 2008, p. 78).

É nesse contexto histórico que se insere a história do nascimento oficial do município de Jaguariúna. Situado no antigo caminho de Goiás, antiga rota dos primeiros povoadores, constituiu-se primeiro a partir do Pouso do Tanquinho e de seu primeiro povoado, agregado posteriormente por um segundo adensamento próximo à Estação de Jaguari, sendo por fim unificados nas terras da antiga Fazenda Florianópolis, como consequência dos projetos do Coronel Amâncio Bueno que, possuidor de uma grande fazenda de café na margem esquerda do rio Jaguari, a Fazenda Florianópolis, ambicionava recepcionar levas de imigrantes italianos e portugueses para trabalhar na sua fazenda, substituindo a mão de obra escrava, e, assim, organizou a primeira povoação estruturada que viria a se chamar Vila Bueno e que no futuro originaria o Distrito de Paz de Jaguari, nas bordas de seu rio homônimo.

Em 1896, através da Lei nº 433, de cinco de agosto, foi criado o Distrito de Paz de Jaguari, pertencente a Mogi Mirim. Pelo Decreto Lei nº 14.344, de 30 de novembro de 1944, foi acrescido do prefixo tupi *una*, passando a denominar-se Jaguariúna - em tupi *Yaguar-Y-Unai*, que significa *rio da onça preta*. Em 30 de dezembro de 1953, através da Lei nº 2.456, Jaguariúna emancipou-se de Mogi Mirim, tornando-se município.



FIGURA 6.14.1-5: Vista geral da praça central e sua igreja matriz de Jaguariúna.

Fonte: PABRASIL, 2013.

Registra-se também, na história de Jaguariúna e na memória de seus habitantes mais antigos, a passagem da Revolução Constitucionalista de 1932. Fato que muito marcou a cidade. Na época, o avião das tropas federais, chamado de *vermelhinho*, visitava diariamente Jaguari, efetuando o primeiro bombardeio no centro da cidade, na rua Alfredo Engler, no campo de bocha, e depois na Fazenda Florianópolis, em terras recém aradas. Embora não tenha promovido explosões, estas ações das tropas federais alastraram o temor pela população, levando muitas famílias a se refugiarem no Bairro do Tanquinho, enquanto outros partiam para lugares mais distantes dos locais de batalha.

Foram três meses de combates intensos, forças rebeldes e legalistas estiveram frente à frente nos campos de batalha. Os paulistas foram os primeiros a tomar posição nas trincheiras; uma delas localizada na Estação de Eleutério, na divisa com Minas Gerais, bem próxima a Jaguari (Ribeiro, 2008, p. 104).

A posição geográfica do então distrito de Jaguari levou-o a ser utilizado como base para a concentração das tropas paulistas, pois favorecia a comunicação telegráfica para a orientação estratégica das frentes de combate. O comando desta frente alterou a paisagem e a rotina da cidade. No centro, em local próximo à primeira estação ferroviária, batalhões de soldados improvisaram alojamento em vagões da Mogyana estacionados no pátio. Na rua Cândido Bueno, próximo ao pontilhão do trem, ergueram-se alojamentos para os soldados, depósito de equipamentos e estacionamento de vinte e dois caminhões.

Esta posição de destaque atribuída a Jaguari provocou reação quase imediata das tropas federais. Soldados mineiros invadiram a cidade; armazéns de secos e molhados foram saqueados e as suas instalações e mobiliário destruídos. Na área rural, ocorreu o mesmo. A Fazenda Barra foi invadida por soldados que estiveram aquartelados durante os três meses de combate. Ali, além da destruição de louças e móveis, escrevem na parede do cômodo principal: “Fazendeiros: Minas ainda há de abater o orgulho de São Paulo!!! Salve o pelotão da UCA. A covardia é a base de todos o rebeldes”. (Ribeiro, 2008, p. 105).

Em outubro de 1932, foi assinada a rendição dos paulistas e o medo e descontentamento das pequenas localidades somente se reduziram com a adoção de medidas apaziguadoras por parte do Governo Vargas, como a negociação das dívidas dos grandes produtores, a instalação de um aparelho administrativo paulista, o civil Armando Sales de Oliveira como interventor em São Paulo, além das eleições para a Assembléia Nacional Constituinte que viria a preparar a Constituição de 1934 (Ribeiro, 2008, p. 106-107).

Hoje, segundo dados recentes do IBGE, o Município de Jaguariúna possui uma população de 44.311 habitantes, de acordo com o censo de 2010, com uma unidade territorial de 141,769 km², atingindo uma densidade demográfica de 312,56 habitantes por km².

6.14.2- ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA (AID) E ÁREA DIRETAMENTE AFETADA (ADA)

A gleba prevista para o LOTEAMENTO RESIDENCIAL KALORÉ possui 248,25 ha e compreende parte da Fazenda de Nossa Senhora das Graças, situada no Bairro do Tanquinho Velho, tendo como limites o rio Atibaia, ao sul, a estrada municipal JGR-325 e JGR-254 ao norte, e a estrada municipal JGR-171 a leste.

O empreendimento está localizado na porção sudoeste do município de Jaguariúna, região Metropolitana de Campinas, entre as latitudes (coordenadas UTM) 7484,000 km N / 7491,500 km N e longitudes 292, 500 km E / 281,500 km E, no Estado de São Paulo.

O local dista cerca de 120 km de São Paulo e 32 km de Campinas e o seu acesso de São Paulo é feito pela Rodovia dos Bandeirantes (SP-348), seguindo pela Rodovia Anhanguera (SP-330) até Campinas, acessando a Rodovia Dom Pedro I (SP-65) e adentrando pelo trevo de acesso à Rodovia Governador Adhemar de Barros (SP-340) até Jaguariúna. O acesso a Campinas é feito pela mesma Rodovia. A propriedade situa-se em uma via secundária de ligação localizada pouco antes da saída para a área central do município.



FIGURA 6.14.2-1: Fotografia aérea da cidade de Jaguariúna.

Prefeitura do Município de Jaguariúna, 2013.



FIGURA 6.14.2-2: Localização do município de Jaguariúna no Estado de São Paulo.

Fonte: IBGE, 2013.

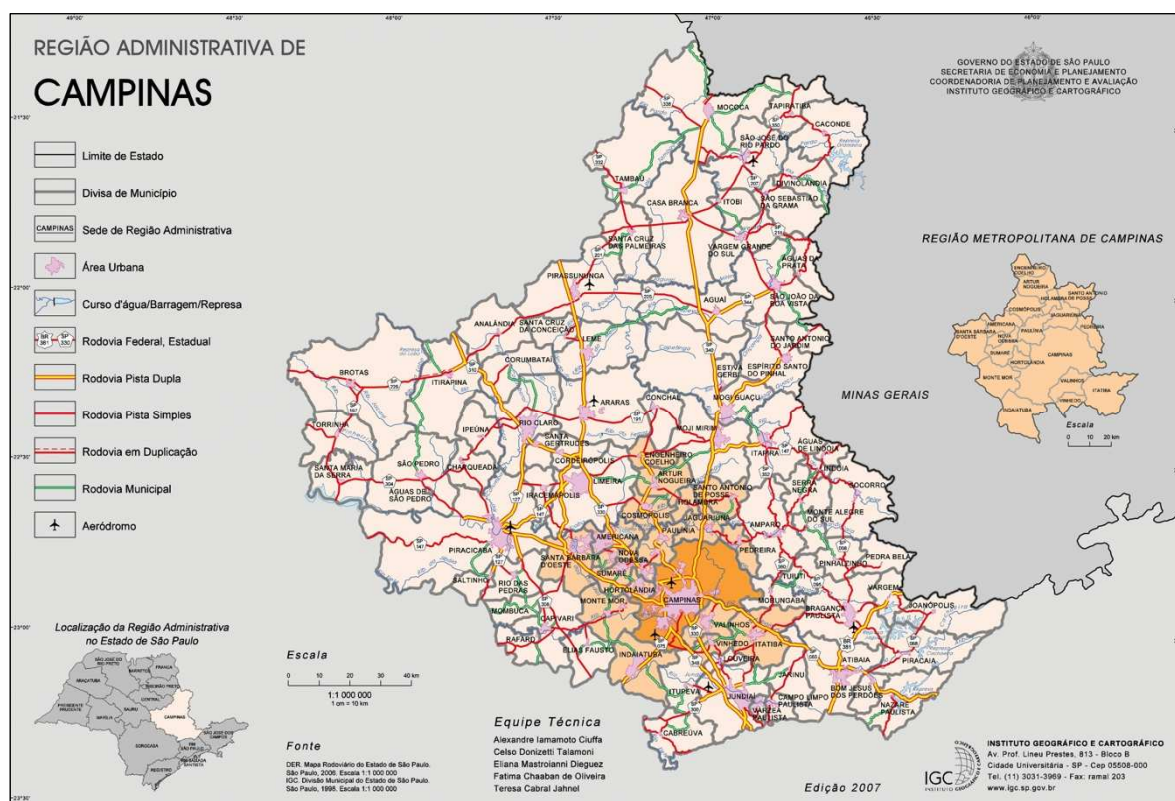


FIGURA 6.14.2-3: Mapa da Região Administrativa de Campinas.

Fonte: IGC, 2013.



FIGURA 6.14.2-4: Localização do futuro empreendimento LOTEAMENTO RESIDENCIAL KALORÉ no contexto do município de Jaguariúna.

Fonte: Google Earth Pro - Modificado por PABRASIL, 2013.

Quanto aos aspectos físico-ambientais, a gleba apresenta uma declividade suave, com um grande maciço de mata bem delimitado em sua porção central e pequenas áreas esparsas de vegetação; o restante do terreno é recoberto por plantação de cana-de-açúcar. Além disso, possui corpos d'água em sua porção sudoeste, sendo cortada por uma linha de alta tensão no sentido nordeste – sudoeste e por uma ferrovia na sua porção noroeste.

A área da Fazenda Nossa Senhora das Graças compreende diversas glebas e atualmente é utilizada para a produção monocultora de cana-de-açúcar. A vegetação nativa é escassa, restando apenas alguns remanescentes de vegetação secundária em estágios diversos de regeneração, demonstrando que a gleba sofreu muitas perturbações, devido a pressões decorrentes do longo processo de ocupação da região. Atualmente a área está enquadrada na Zona de Expansão Urbana do município de Jaguariúna.

A área proposta para o empreendimento em estudo está situada no atual Bairro do Tanquinho Velho. O nome do bairro supostamente advém de dois tanques d'água existentes no local antes mesmo da implantação da ferrovia, que serviam aos tropeiros que paravam para descansar as suas tropas antes de continuar pelo caminho que levava à Minas e Goiás.

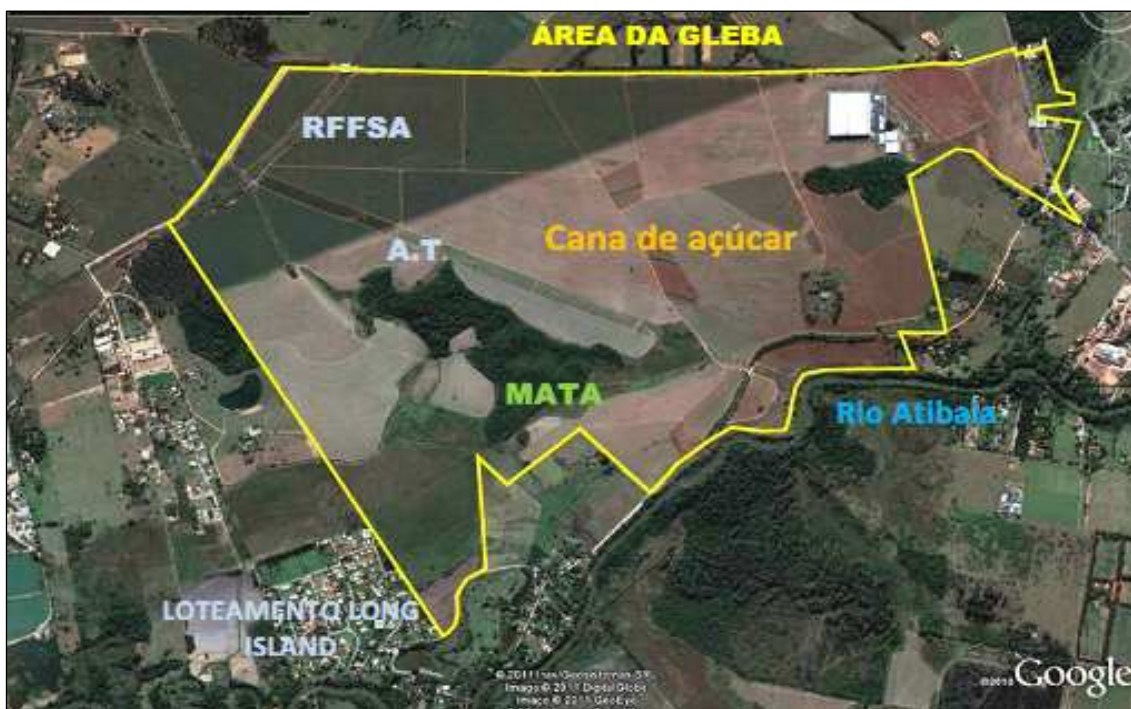


FIGURA 6.14.2-5: Imagem aérea da gleba com a apresentação da declividade do solo, do cultivo de cana de açúcar, mata remanescente e corpos d'água, além de linha de alta tensão e da linha ferroviária.

Fonte: Google Earth Pro - Modificado por PABRASIL, 2013.



FIGURA 6.14.2-6: Visão da atual sede da Fazenda Nossa Senhora das Graças e dos canaviais existentes na fazenda em direção do rio Atibaia.

Fonte: PABRASIL, 2013.

A Estação Tanquinho está localizada no interior da Fazenda Santa Maria, onde hoje ainda é possível ver o trecho da linha férrea original anterior à retificação realizada em 1926. O local é considerado pela municipalidade como de relevante interesse histórico. Ali existia uma linha da Mogyana destinada à lavagem dos vagões que transportavam gado. Outro aspecto de interesse é que esta Estação, como a de Pedro Américo, fora construída com a frente para um talude, objetivando favorecer o embarque e o desembarque de café.



FIGURA 6.14.2-7: Estação Tanquinho.

Fonte: PABRASIL, 2013.



FIGURA 6.14.2-8: Vistorias sistemáticas (caminhamentos de observação) nos compartimentos significativos da ADA.

Fonte: PABRASIL, 2013.

Na Área Diretamente Afetada (ADA), foram realizadas vistorias sistemáticas de varredura (caminhamentos de observação) do solo nos diversos compartimentos topográficos, para a busca de vestígios que pudessem aflorar na superfície do solo, bem como de indicadores na paisagem que pudessem atuar como referenciais para uma possível localização.

O levantamento documental (fotografias, cartografias documentos escritos, depoimentos, artigos de jornal, publicações) auxiliou na preparação dos trabalhos de campo, por possibilitar a evidenciação pregressa de inúmeros cenários de ocupação.



FIGURA 6.14.2-9: Caminhamento nos carreiros (nome atribuído aos caminhos feitos no interior das lavouras de cana-de-açúcar para o acesso de trabalhadores e veículos, nos intermeios da lavoura de cana-de-açúcar) existentes na ADA.

Fonte: PABRASIL, 2013..

Durante os caminhamentos, foram observadas características geoambientais locais como a proximidade de água, a posição topográfica, a orientação das vertentes, as condições de amplitude visual do entorno, fatores considerados condicionantes favoráveis à circulação, fixação e/ou usos do espaço para eventuais atividades ligadas ao assentamento de populações humanas pretéritas.

Especial atenção foi dada aos aspectos geomorfológicos, fundamentais para o desenvolvimento do trabalho arqueológico, uma vez que os eventuais remanescentes arqueológicos presentes no solo devem ser observados a partir da geomorfologia do terreno, que determina, em grande medida, a natureza e forma de deposição da cultura material que nela se desenvolve. Tal relação torna necessária a compreensão do processo pedogenético e da matriz pedológica.

O caminhamento seguiu o modelo oportunístico por todo o perímetro, aproveitando os carregadores. Nas áreas onde a cana-de-açúcar havia sido cortada, foram feitos caminhamentos de acompanhamento em paralelo às linhas de aragem. O método de caminhamento paralelo não foi possível de ser utilizado, tendo em vista grande parte das lavouras ainda estar em fase de preparação para o corte.

O trabalho foi feito com o uso de equipamento de GPS para o estabelecimento de coordenadas geográficas e registro fotográfico digital de acordo com as condições de visibilidade e de acessibilidade oferecidas pelo local na data da vistoria técnica. Destacou-se uma especial atenção para as áreas tradicionalmente registradas como de ocupação mais propensa para os grupos humanos Pré-Históricos, como área de meia encosta, próxima aos rios, embora tenham sido documentados sítios em comportamentos topográficos diferenciados, como fundos de vales, terraços e vertentes (Caldarelli, 1983).



FIGURA 6.14.2-10: Levantamentos sistemáticos de varredura nos compartimentos significativos da ADA.

Fonte: PABRASIL, 2013.

Na área do empreendimento, após análise de documentos de várias matizes (cartografias, fotografias aéreas, documentos escritos, iconográficos e depoimentos), foi possível delimitar diferentes cenários de ocupação, passíveis de expor vestígios tanto na área da ADA, mas também nas áreas AID e AII, a saber:

- Assentamentos Pré-Históricos anteriores à chegada dos europeus;
- Passagem de rotas de expansão bandeirante e pousos de tropas no decorrer dos séculos XVII e XVIII;
- Povoamento colonial;
- Registro dos primeiros engenhos de cana-de-açúcar;
- Registro das fazendas do ciclo cafeeiro;
- Evidências da implantação e funcionamento, com as respectivas mudanças promovidas da Estrada de Ferro Mogyana;
- Vestígios dos conflitos armados que ocorreram entre as tropas federais e as forças paulistas durante a Revolução Constitucionalista de 1932.

Seguindo cada uma dessas premissas, durante os trabalhos de campo foi localizada, na ADA, a presença de **um sítio de superfície**, a meia encosta, próximo ao Rio Atibaia, com uma possível dimensão de 100 m², apresentando inúmeros vestígios líticos.

Este sítio recebeu o nome de **Sítio Bairro do Tanquinho Velho** e para este estão sendo tomadas as medidas necessárias à sua salvaguarda e proteção, bem como a comunicação ao IPHAN para a sua inserção no **Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos – CNSA**.

O ANEXO 3.2 apresenta o Parecer Técnico do IPHAN – Instituto do Patrimônio Artístico Nacional sobre o *Relatório Técnico do Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo* realizado na área (Processo IPHAN Nº 01506.005768/2012-93).

O sítio está implantado em uma área plana, na parte baixa da vertente de uma ampla colina, tendo o Rio Atibaia à sua frente, distante por volta de duzentos metros.



FIGURA 6.14.2-11: Vista do local onde o sitio foi localizado.

Fonte: PABRASIL, 2013.

Há um longo período, o local é utilizado para o plantio da monocultura da cana de açúcar, com foco comercial intensivo. O material arqueológico evidenciado e documentado é composto por peças líticas espalhadas pela superfície do terreno da área de plantio, com a presença de alguns artefatos no carreador localizado logo próximo às divisas da propriedade.

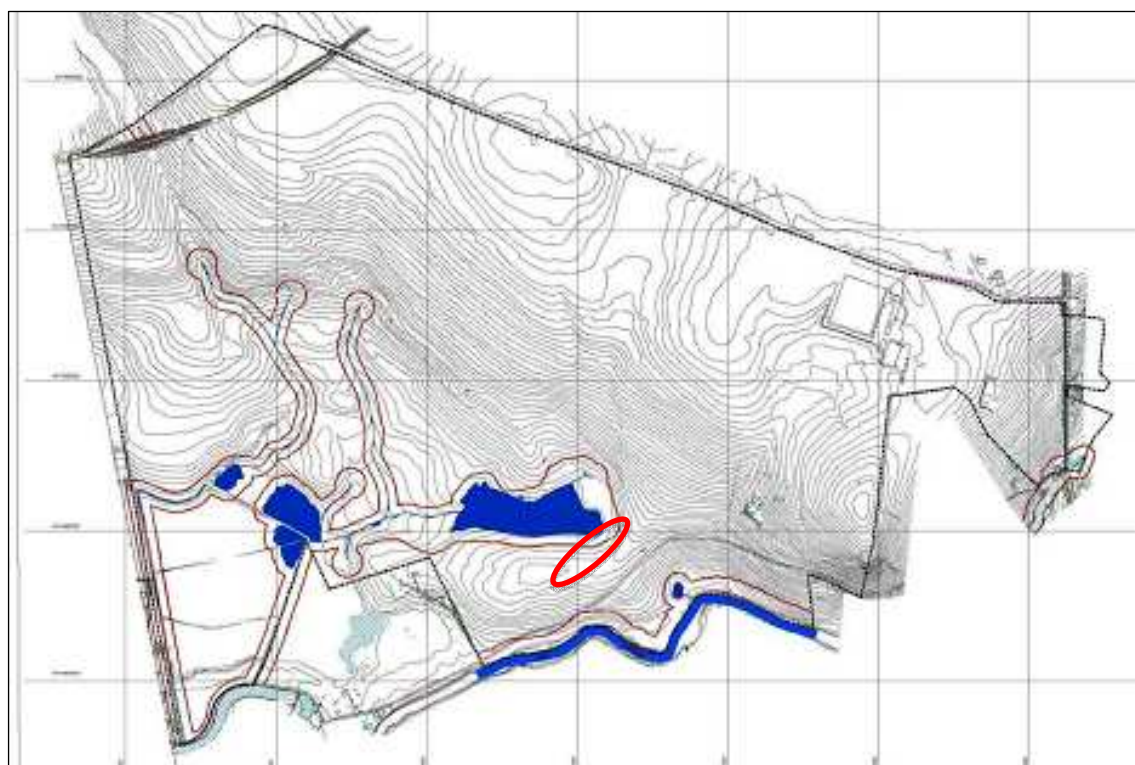


FIGURA 6.14.2-12: Localização do Sítio Lítico Pré-Histórico a ser salvaguardado.

Fonte: Empreendedr, 2011 - Modificado por PABRASIL, 2013.

Por suas características, através de vistoria visual não interventiva, trata-se de um assentamento de grupos caçadores-coletores, com a presença de materiais que sofreram refinamento tecnológico no próprio local. O estado de conservação do sítio pode estar bastante comprometido, considerando o intenso uso do solo para a produção agrícola, com contínuos revolvimentos pelo arado, fato que trouxe à superfície os vestígios visualizados.

Por outro lado, na área próxima à linha da ferrovia também foram detectados inúmeros vestígios históricos de louças e material construtivo das linhas e dormentes, evidenciando a possível existência de estruturas construtivas pregressas no local e hoje desaparecidas. A presença destes materiais acompanham o carreado paralelo à LT (linha de transmissão), desaparecendo conforme se distanciam da linha férrea.

Dentre os principais materiais evidenciados e apresentados nas FIGURAS 6.14.2-13 a 6.14.2-14, encontram-se:



FIGURA 6.14.2-13: Lasca de lítico em Sílex (P140) e Percutor (P144) evidenciados na área do sítio.

Fonte: PABRASIL, 2013.



FIGURA 6.14.2-14: Seixo (P145) e Seixo lascado (P146) evidenciados na área do sítio.

Fonte: PABRASIL, 2013.



FIGURA 6.14.2-15: Fragmento de Faiança Fina (P149) e Parafuso Antigo (P152) evidenciados na ADA.

Fonte: PABRASIL, 2013.



FIGURA 6.14.2-16: Elo de Aço e Peça de Parafuso e Porcas evidenciados na ADA.

Fonte: PABRASIL, 2013.



FIGURA 6.14.2-17: Fragmento Faiança Fina (P155) e Cristal de Quartzo (P165) evidenciados na ADA.

Fonte: PABRASIL, 2013.



FIGURA 6.14.2-18: Fragmento Cerâmica (P180) e Fragmento de Cerâmica (P184) evidenciados na ADA.

Fonte: PABRASIL, 2013.



FIGURA 6.14.2-19: Lasca de lítico em Sílex (P210) e Furador em Sílex (P204) evidenciados na área do sítio.

Fonte: PABRASIL, 2013.



FIGURA 6.14.2-20: Lascamento Lítico/Raspador (P197) e Lascamento Lítico/Raspador (P230) evidenciados na área do sítio.

Fonte: PABRASIL, 2013.

O caminhamento sistemático procurou, dentro das condições de visibilidade e acesso, percorrer a maior área do empreendimento. Apresenta-se a seguir a descrição dos pontos amostrados na área diretamente afetada (ADA) com a marcação das coordenadas UTM a partir de GPS.

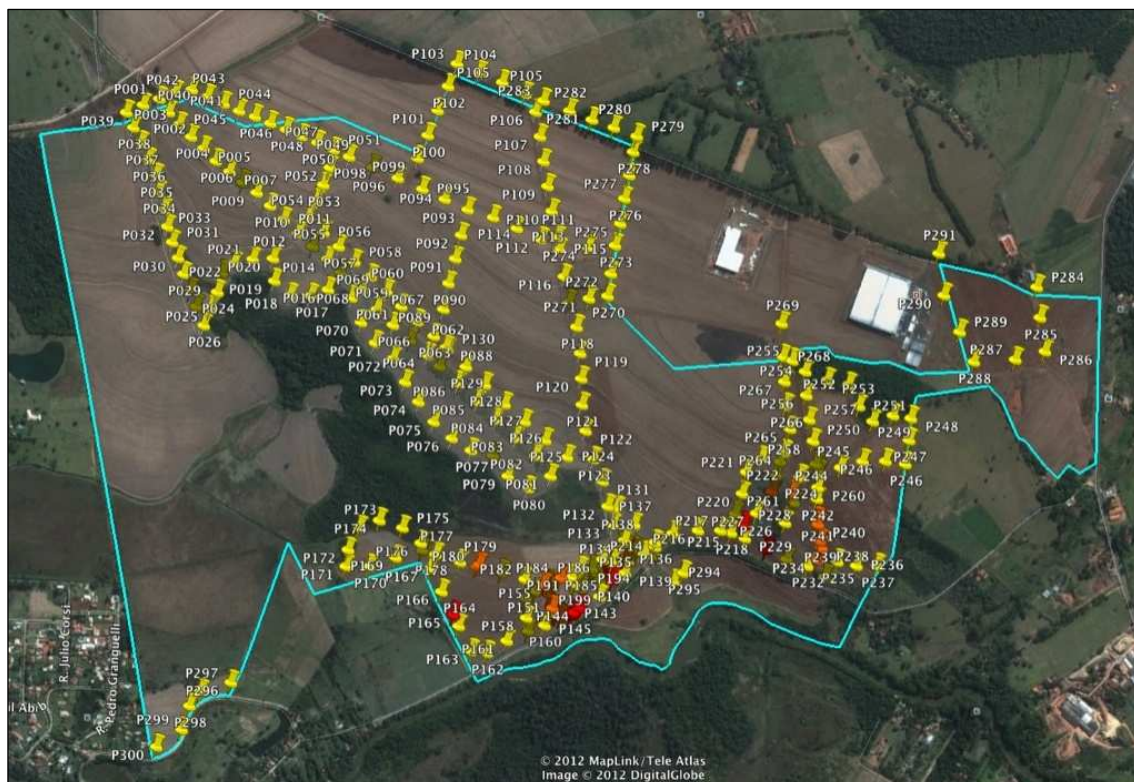


FIGURA 6.14.2-21: Pontos de caminhamento realizados durante a vistoria sistemática de campo. Os pontos em vermelho caracterizam artefatos Pré-Históricos evidenciados; os pontos na cor laranja representam os artefatos de período Histórico identificados.

Fonte: Google Earth Pro, 2012 - Modificado por PABRASIL, 2013.

O QUADRO 6.14.2-1 apresenta os pontos de caminhamento levantados e respectivos detalhamentos.

QUADRO 6.14.2-1: Pontos Georreferenciados da ADA – Jaguariúna/SP.

PONTO	ZONA	UTM E	UTM S	DESCRIÇÃO
P001	23K	289634.568	7486254.678	COBERTURA
P002	23K	289664.280	7486214.178	COBERTURA
P003	23K	289697.125	7486176.802	COBERTURA
P004	23K	289733.777	7486139.058	COBERTURA
P005	23K	289772.869	7486103.760	COBERTURA
P006	23K	289811.511	7486065.289	COBERTURA
P007	23K	289854.308	7486033.110	COBERTURA
P008	23K	289895.039	7486000.357	COBERTURA
P009	23K	289939.401	7485969.760	COBERTURA

PONTO	ZONA	UTM E	UTM S	DESCRIÇÃO
P010	23K	289980.799	7485930.506	COBERTURA
P011	23K	290023.000	7485888.719	COBERTURA
P012	23K	290067.396	7485847.637	COBERTURA
P013	23K	290111.656	7485807.890	COBERTURA
P014	23K	290158.550	7485769.153	COBERTURA
P015	23K	290199.753	7485727.436	COBERTURA
P016	23K	290160.292	7485675.154	COBERTURA
P017	23K	290106.597	7485655.845	COBERTURA
P018	23K	290042.435	7485656.097	COBERTURA
P019	23K	289993.772	7485699.479	COBERTURA
P020	23K	289989.111	7485768.774	COBERTURA
P021	23K	289926.338	7485765.941	COBERTURA
P022	23K	289867.689	7485751.971	COBERTURA
P023	23K	289830.830	7485721.722	COBERTURA
P024	23K	289816.121	7485662.951	COBERTURA
P025	23K	289795.404	7485613.252	COBERTURA
P026	23K	289774.192	7485559.328	COBERTURA
P027	23K	289750.365	7485617.410	COBERTURA
P028	23K	289732.723	7485667.948	COBERTURA
P029	23K	289710.552	7485717.442	COBERTURA
P030	23K	289693.698	7485766.335	COBERTURA
P031	23K	289675.708	7485814.840	COBERTURA
P032	23K	289660.877	7485862.537	COBERTURA
P033	23K	289649.036	7485915.580	COBERTURA
P034	23K	289631.929	7485969.064	COBERTURA
P035	23K	289623.207	7486019.182	COBERTURA
P036	23K	289599.513	7486067.431	COBERTURA
P037	23K	289576.890	7486118.022	COBERTURA
P038	23K	289553.301	7486166.271	COBERTURA
P039	23K	289532.146	7486211.589	COBERTURA
P040	23K	289584.034	7486235.208	COBERTURA
P041	23K	289684.295	7486275.264	COBERTURA
P042	23K	289734.937	7486283.699	COBERTURA
P043	23K	289784.902	7486262.763	COBERTURA
P044	23K	289835.241	7486241.212	COBERTURA
P045	23K	289883.467	7486219.590	COBERTURA
P046	23K	289932.597	7486202.766	COBERTURA
P047	23K	289979.952	7486182.928	COBERTURA
P048	23K	290028.663	7486164.628	COBERTURA
P049	23K	290077.030	7486144.155	COBERTURA
P050	23K	290126.467	7486125.235	COBERTURA
P051	23K	290176.496	7486104.618	COBERTURA
P052	23K	290165.429	7486049.772	COBERTURA
P053	23K	290144.988	7485996.726	COBERTURA
P054	23K	290123.267	7485946.811	COBERTURA

PONTO	ZONA	UTM E	UTM S	DESCRIÇÃO
P055	23K	290099.356	7485896.493	COBERTURA
P056	23K	290145.984	7485851.158	COBERTURA
P057	23K	290193.754	7485808.011	COBERTURA
P058	23K	290242.720	7485761.846	COBERTURA
P059	23K	290293.939	7485716.927	COBERTURA
P060	23K	290343.709	7485671.425	COBERTURA
P061	23K	290389.532	7485625.771	COBERTURA
P062	23K	290440.089	7485580.095	COBERTURA
P063	23K	290491.860	7485535.238	COBERTURA
P064	23K	290472.227	7485477.078	COBERTURA
P065	23K	290417.495	7485521.922	COBERTURA
P066	23K	290364.040	7485568.427	COBERTURA
P067	23K	290313.759	7485614.856	COBERTURA
P068	23K	290265.582	7485673.985	COBERTURA
P069	23K	290235.019	7485650.436	COBERTURA
P070	23K	290264.555	7485575.234	COBERTURA
P071	23K	290308.393	7485512.024	COBERTURA
P072	23K	290365.703	7485464.647	COBERTURA
P073	23K	290403.173	7485391.820	COBERTURA
P074	23K	290445.474	7485331.032	COBERTURA
P075	23K	290493.711	7485269.428	COBERTURA
P076	23K	290550.547	7485220.086	COBERTURA
P077	23K	290610.717	7485182.890	COBERTURA
P078	23K	290679.108	7485168.283	COBERTURA
P079	23K	290726.569	7485104.761	COBERTURA
P080	23K	290790.122	7485067.488	COBERTURA
P081	23K	290859.539	7485106.648	COBERTURA
P082	23K	290811.408	7485168.727	COBERTURA
P083	23K	290750.797	7485221.779	COBERTURA
P084	23K	290687.942	7485278.552	COBERTURA
P085	23K	290629.329	7485334.441	COBERTURA
P086	23K	290568.320	7485390.416	COBERTURA
P087	23K	290510.661	7485442.236	COBERTURA
P088	23K	290529.230	7485500.619	COBERTURA
P089	23K	290521.157	7485618.872	COBERTURA
P090	23K	290536.396	7485698.095	COBERTURA
P091	23K	290557.064	7485774.146	COBERTURA
P092	23K	290574.222	7485846.743	COBERTURA
P093	23K	290594.203	7485925.188	COBERTURA
P094	23K	290522.895	7485956.274	COBERTURA
P095	23K	290453.031	7485986.775	COBERTURA
P096	23K	290376.555	7486019.684	COBERTURA
P097	23K	290297.577	7486051.105	COBERTURA
P098	23K	290224.624	7486083.847	COBERTURA
P099	23K	290437.537	7486081.156	COBERTURA

PONTO	ZONA	UTM E	UTM S	DESCRIÇÃO
P100	23K	290468.186	7486151.562	COBERTURA
P101	23K	290497.880	7486228.238	COBERTURA
P102	23K	290529.342	7486302.313	COBERTURA
P103	23K	290555.951	7486372.652	COBERTURA
P104	23K	290625.229	7486344.571	COBERTURA
P105	23K	290696.632	7486316.217	COBERTURA
P105	23K	290767.813	7486281.255	COBERTURA
P106	23K	290800.469	7486226.408	COBERTURA
P107	23K	290814.856	7486150.958	COBERTURA
P108	23K	290826.732	7486075.203	COBERTURA
P109	23K	290840.447	7485999.107	COBERTURA
P110	23K	290854.010	7485922.130	COBERTURA
P111	23K	290872.670	7485840.961	COBERTURA
P112	23K	290822.412	7485835.701	COBERTURA
P113	23K	290747.368	7485869.054	COBERTURA
P114	23K	290673.204	7485901.698	COBERTURA
P115	23K	290878.911	7485805.034	COBERTURA
P116	23K	290894.515	7485722.334	COBERTURA
P117	23K	290910.988	7485643.617	COBERTURA
P118	23K	290935.305	7485568.204	COBERTURA
P119	23K	290947.458	7485487.309	COBERTURA
P120	23K	290951.813	7485409.677	COBERTURA
P121	23K	290954.721	7485328.976	COBERTURA
P122	23K	290967.035	7485248.399	COBERTURA
P123	23K	290992.809	7485161.220	COBERTURA
P124	23K	290910.914	7485166.202	COBERTURA
P125	23K	290842.092	7485217.487	COBERTURA
P126	23K	290777.397	7485274.137	COBERTURA
P127	23K	290714.662	7485327.427	COBERTURA
P128	23K	290652.550	7485386.919	COBERTURA
P129	23K	290592.696	7485441.767	COBERTURA
P130	23K	290534.654	7485496.493	COBERTURA
P131	23K	291021.763	7485092.414	COBERTURA
P132	23K	291039.226	7485014.908	COBERTURA
P133	23K	291055.006	7484957.435	COBERTURA
P134	23K	291091.985	7484909.452	COBERTURA
P135	23K	291154.953	7484869.886	COBERTURA
P136	23K	291187.578	7484905.567	COBERTURA
P137	23K	291122.220	7484960.075	COBERTURA
P138	23K	291066.526	7485010.075	COBERTURA
P139	23K	291095.097	7484808.855	COBERTURA
P140	23K	291057.221	7484786.592	LASCA LÍTICO (SILEX)
P141	23K	291033.371	7484774.606	COBERTURA
P142	23K	291072.395	7484786.405	COBERTURA
P143	23K	291017.360	7484734.174	COBERTURA

PONTO	ZONA	UTM E	UTM S	DESCRIÇÃO
P144	23K	290961.123	7484698.541	BATEDOR
P145	23K	290938.871	7484684.183	SEIXO
P146	23K	290927.345	7484674.921	SEIXO LASCADO
P147	23K	290895.148	7484667.125	FRAGMENTO FAIANÇA
P148	23K	290886.051	7484675.360	FRAGMENTO FAIANÇA
P149	23K	290881.115	7484677.817	FRAGMENTO FAIANÇA
P150	23K	290877.824	7484681.947	PORCELANA BRANCA
P151	23K	290871.245	7484696.009	FRAGMENTO CERÂMICA
P152	23K	290867.141	7484700.949	PARAFUSO ANTIGO
P153	23K	290860.371	7484739.707	FRAGMENTO CERÂMICA
P154	23K	290848.657	7484772.516	TAMPA DE VIDRO / FRASCO DE PERFUME
P155	23K	290842.019	7484768.304	FRAGMENTO FAIANÇA
P156	23K	290818.905	7484749.033	COBERTURA
P157	23K	290787.444	7484727.957	COBERTURA
P158	23K	290790.022	7484665.043	COBERTURA
P159	23K	290795.782	7484624.290	COBERTURA
P160	23K	290846.705	7484642.632	COBERTURA
P161	23K	290729.535	7484592.222	COBERTURA
P162	23K	290667.932	7484553.329	COBERTURA
P163	23K	290619.059	7484558.347	COBERTURA
P164	23K	290579.220	7484636.247	COBERTURA
P165	23K	290561.845	7484671.929	FRAGMENTO CRISTAL QUARTZO
P166	23K	290524.056	7484742.874	COBERTURA
P167	23K	290487.637	7484814.457	COBERTURA
P168	23K	290462.733	7484871.080	COBERTURA
P169	23K	290379.275	7484846.567	COBERTURA
P170	23K	290298.245	7484817.065	COBERTURA
P171	23K	290224.170	7484816.730	COBERTURA
P172	23K	290230.516	7484868.490	COBERTURA
P173	23K	290265.284	7484938.009	COBERTURA
P174	23K	290326.937	7484961.269	COBERTURA
P175	23K	290399.710	7484939.024	COBERTURA
P176	23K	290457.254	7484892.511	COBERTURA
P177	23K	290504.847	7484858.542	COBERTURA
P178	23K	290581.020	7484835.737	COBERTURA
P179	23K	290640.998	7484828.449	FRAGMENTO CERÂMICA
P180	23K	290634.422	7484823.389	FRAGMENTO CERÂMICA
P181	23K	290710.933	7484805.789	COBERTURA
P182	23K	290783.950	7484785.595	COBERTURA
P183	23K	290860.958	7484774.398	COBERTURA
P184	23K	290896.480	7484791.206	FRAGMENTO CERÂMICA
P185	23K	290955.862	7484819.928	COBERTURA
P186	23K	291024.927	7484850.428	COBERTURA
P187	23K	291078.136	7484894.782	COBERTURA
P188	23K	291099.196	7484897.945	COBERTURA

PONTO	ZONA	UTM E	UTM S	DESCRIÇÃO
P189	23K	291051.296	7484852.217	COBERTURA
P190	23K	290991.973	7484821.001	COBERTURA
P191	23K	290929.680	7484793.482	COBERTURA
P192	23K	290933.654	7484779.918	COBERTURA
P193	23K	290997.954	7484810.952	COBERTURA
P194	23K	291056.938	7484843.335	COBERTURA
P195	23K	291099.430	7484880.902	FRAGMENTO CERÂMICA
P197	23K	291061.071	7484838.766	LASCA LÍTICO (RASPADOR)
P196	23K	291113.582	7484887.163	COBERTURA
P198	23K	291002.400	7484806.097	COBERTURA
P199	23K	290936.298	7484774.127	COBERTURA
P200	23K	290938.918	7484764.802	COBERTURA
P201	23K	291005.131	7484798.319	COBERTURA
P202	23K	291048.482	7484823.257	SEIXO
P203	23K	291049.427	7484817.768	LASCA LÍTICO (SEIXO)
P204	23K	291060.357	7484827.183	FURADOR (SILEX)
P205	23K	291082.306	7484838.772	LASCA LÍTICO
P206	23K	291102.867	7484863.615	COBERTURA
P207	23K	291123.248	7484881.808	COBERTURA
P208	23K	291135.795	7484875.611	COBERTURA
P209	23K	291107.516	7484844.322	COBERTURA
P210	23K	291087.982	7484828.726	LASCA LÍTICO (SILEX)
P211	23K	291047.014	7484803.833	FRAGMENTO CERÂMICA
P212	23K	291018.980	7484787.203	COBERTURA
P213	23K	290958.827	7484758.063	COBERTURA
P214	23K	291188.367	7484891.540	COBERTURA
P215	23K	291242.249	7484933.952	COBERTURA
P216	23K	291320.859	7484943.950	COBERTURA
P217	23K	291390.533	7484944.952	COBERTURA
P218	23K	291423.114	7484938.805	COBERTURA
P219	23K	291434.621	7484996.429	COBERTURA
P220	23K	291455.248	7485061.487	COBERTURA
P221	23K	291467.107	7485127.926	COBERTURA
P222	23K	291513.006	7485170.208	COBERTURA
P223	23K	291570.241	7485162.264	COBERTURA
P224	23K	291631.564	7485115.878	COBERTURA
P225	23K	291614.051	7485036.294	COBERTURA
P226	23K	291588.796	7484973.360	COBERTURA
P227	23K	291500.299	7485001.098	COBERTURA
P228	23K	291461.720	7484963.336	NÚCLEO
P229	23K	291466.184	7484922.469	COBERTURA
P230	23K	291531.993	7484889.246	LASCA LÍTICO (RASPADOR)
P231	23K	291596.717	7484860.249	COBERTURA
P232	23K	291660.981	7484839.940	COBERTURA
P234	23K	291691.962	7484859.693	GARGALO GARRAFA DE VIDRO

PONTO	ZONA	UTM E	UTM S	DESCRIÇÃO
P235	23K	291753.069	7484855.436	COBERTURA
P236	23K	291811.761	7484843.887	COBERTURA
P237	23K	291874.964	7484844.790	COBERTURA
P238	23K	291703.310	7484897.426	FRAGMENTO CERÂMICA
P239	23K	291696.230	7484920.179	FRAGMENTO CERÂMICA
P240	23K	291689.866	7484970.727	BLOCO EM ROCHA
P241	23K	291685.161	7484985.935	FRAGMENTO PISO EM CONCRETO
P242	23K	291684.427	7485049.797	COBERTURA
P243	23K	291688.042	7485131.968	COBERTURA
P244	23K	291755.206	7485146.534	COBERTURA
P245	23K	291823.474	7485166.585	COBERTURA
P246	23K	291893.756	7485168.491	COBERTURA
P246	23K	291955.063	7485160.159	COBERTURA
P247	23K	291965.490	7485233.932	COBERTURA
P248	23K	291970.462	7485301.299	COBERTURA
P249	23K	291915.529	7485309.062	COBERTURA
P250	23K	291853.258	7485289.800	COBERTURA
P251	23K	291809.939	7485336.202	COBERTURA
P252	23K	291776.798	7485401.109	COBERTURA
P253	23K	291711.559	7485414.197	COBERTURA
P254	23K	291642.612	7485440.342	COBERTURA
P255	23K	291602.788	7485473.318	COBERTURA
P256	23K	291647.268	7485367.137	COBERTURA
P257	23K	291657.458	7485292.810	COBERTURA
P258	23K	291669.860	7485226.930	COBERTURA
P259	23K	291678.803	7485156.364	COBERTURA
P260	23K	291685.538	7485084.475	COBERTURA
P261	23K	291608.270	7485066.811	CAPELA FAZENDA
P262	23K	291546.312	7485069.347	SEDE FAZENDA
P263	23K	291557.858	7485122.048	COBERTURA
P264	23K	291582.179	7485191.776	COBERTURA
P265	23K	291598.919	7485263.559	COBERTURA
P266	23K	291584.564	7485334.513	COBERTURA
P267	23K	291579.240	7485408.441	COBERTURA
P268	23K	291573.944	7485484.436	COBERTURA
P269	23K	291568.025	7485586.948	COBERTURA
P270	23K	291030.099	7485664.404	COBERTURA
P271	23K	290972.594	7485655.657	COBERTURA
P272	23K	291039.165	7485733.303	COBERTURA
P273	23K	291051.204	7485819.919	COBERTURA
P274	23K	290968.211	7485811.716	COBERTURA
P275	23K	291066.085	7485887.400	COBERTURA
P276	23K	291077.919	7485964.658	COBERTURA
P277	23K	291092.070	7486036.765	COBERTURA
P278	23K	291102.631	7486108.289	COBERTURA

PONTO	ZONA	UTM E	UTM S	DESCRIÇÃO
P279	23K	291113.419	7486156.363	COBERTURA
P280	23K	291042.228	7486181.482	COBERTURA
P281	23K	290974.488	7486204.030	COBERTURA
P282	23K	290905.426	7486230.478	COBERTURA
P283	23K	290824.488	7486260.880	COBERTURA
P284	23K	292353.574	7485709.906	COBERTURA
P285	23K	292365.020	7485616.331	COBERTURA
P286	23K	292382.219	7485512.647	COBERTURA
P287	23K	292290.173	7485486.490	COBERTURA
P288	23K	292161.829	7485477.393	COBERTURA
P289	23K	292117.368	7485569.069	COBERTURA
P290	23K	292067.168	7485680.655	COBERTURA
P291	23K	292049.033	7485808.969	COBERTURA
P292	23K	291716.151	7484807.106	COBERTURA
P293	23K	291182.865	7484862.554	COBERTURA
P294	23K	291247.839	7484782.200	COBERTURA
P295	23K	291277.683	7484810.876	COBERTURA
P296	23K	289869.064	7484449.908	COBERTURA
P297	23K	289775.404	7484421.290	COBERTURA
P298	23K	289740.710	7484375.151	COBERTURA
P299	23K	289717.079	7484301.153	COBERTURA
P300	23K	289639.326	7484246.608	COBERTURA

Fonte: PABRASIL, 2013.

Durante os contatos com as comunidades locais foi evidenciada, logo ao lado do empreendimento, na área de entorno da antiga capela e de seu cemitério (hoje desaparecido, mas reconhecido pela comunidade), a presença de um artefato lítico, encontrado por um morador e com o ponto específico determinado, como mostram as FIGURAS a seguir:



FIGURA 6.14.2-22: Fotografia do artefato lítico localizado na AID e do local onde foi encontrado, ao lado da capela e do cemitério do Bairro do Tanquinho Velho.

Fonte: PABRASIL, 2013.

Também faz-se necessária a localização exata da área dos tanques de abastecimento das tropas no decorrer dos séculos XVII e XVIII. Segundo o Sr. Beraldo de Souza, memorialista local, o ponto de localização do antigo tanque encontra-se atrás de sua chácara, em pequeno trecho de mata secundária, com nascentes, possivelmente pertencente à EMBRAPA.

Durante as entrevistas com antigos moradores, ressurgiu a questão sobre os bombardeios ocorridos em Jaguariúna e o possível envolvimento do bairro na acomodação de muitos habitantes de Jaguariúna, que procuraram o local para refúgio. O Sr. Beraldo de Souza cita a possibilidade de existência de sinais dos combates da Revolução de 1932 no local, o que deverá também ser evidenciado.

O terreno do empreendimento foi ponto de passagem e cenário para diversas destas ocupações. No local, foi edificada a Fazenda Nossa Senhora das Graças, um possível engenho de cana de açúcar e, posteriormente, fazenda de café.



FIGURA 6.14.2-23: Fazenda Nossa Senhora das Graças. Bairro do Tanquinho Velho, década de 1940. Coleção de Ana Salete de Oliveira Cavalcanti.

Fonte: Casa da Memória Padre Gomes, de Jaguariúna, s/data..

FIGURA 6.14.2-24: Dona Maria Júlia de Moraes da Silva, esposa de José Malachias da Silva, antigos proprietários da Fazenda Nossa Senhora das Graças. Fotografia da década de 1940, pertencente à coleção de Ana Salete de Oliveira Cavalcanti.

Fonte: Casa da Memória Padre Gomes. Código de Registro, s/data.





FIGURA 6.14.2-25: Alambique e chaminé desativados na Fazenda Nossa Senhora das Graças. Fotografias de 2005, pertencentes ao Sr. Beraldo de Souza.

Fonte: Casa da Memória Padre Gomes, de Jaguariúna. Códigos de Registro BS 72.45 e BS 72.46., s/data.



FIGURA 6.14.2-26: Fotografias da Capela da Fazenda de Nossa Senhora das Graças e da demolição da sede da fazenda.

Fonte: Coleção fotográfica do Sr. Beraldo de Souza, s/data.